



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destruição do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025

Dezembro

Nº 495



QUEM FOI TRIBONIANO?

TRIBONIANO (c. 500-547) foi um destacado jurista bizantino. Colaborou com o imperador bizantino César Flávio Justiniano Pio, trabalhando na organização e recompilação sistemática do Direito Romano vigente em sua época.

Triboniano nasceu em Panfília por volta do ano 500. Tornou-se um advogado de grande êxito em Constantinopla, e foi nomeado pelo Imperador Justiniano em 528 como um dos encarregados de preparar o novo Código do Império, o *Código de Justiniano*, ou *Corpus Iuris Civilis*, composto de quatro obras, promulgado no ano de 529.

Em 530 foi nomeado questor e editor chefe dos comentários ao código, que eram muito mais amplos que o próprio código.

Ele é considerado o jurista mais importante do Império Romano do Oriente e de sua época. De vasta e sólida erudição, ocupou o cargo de *Questor sacri palatii* (responsável pela justiça do Império) de 529 a 532 e, posteriormente, de 535 a 542.

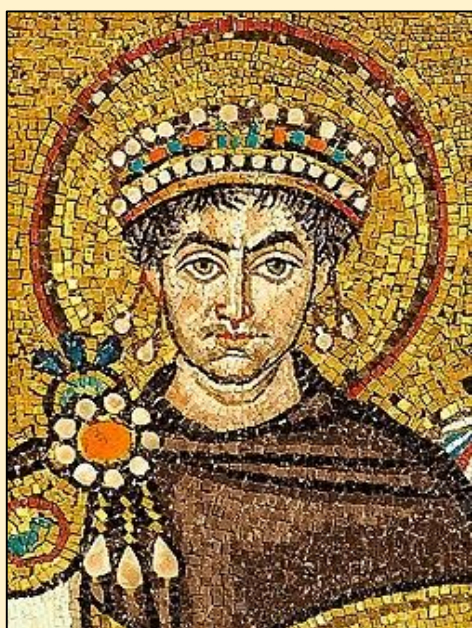
O *Digesto*¹, que continha uma recompilação das opiniões de juristas romanos clássicos, era composto por 50 livros e foi publicado no ano de 533.

Quase quando se estava terminando, os participantes na Revolta de Nika² do ano de 532 pediram que fosse retirado por motivos desconhecidos. Foi retirado temporariamente por Justiniano até que a revolta foi aplacada.

Em 533 foram promulgadas as *Institutiones* (imagem abaixo), um manual para estudantes de Direito, e no ano seguinte o *Novo Código Justiniano*.

Posteriormente, foram ditadas por Justiniano uma série de novas leis para refletir as necessidades daquela época, as *Novelas*³.

A vida de Triboniano é contada nos escritos de Procópio de Cesareia.



Justiniano I (Google)



O significado atual de Triboniano está diretamente ligado à sua contribuição fundamental para a codificação do direito, que influencia o pensamento jurídico até os dias de hoje. O termo "tribonianismo" pode se referir especificamente a essa organização sistemática do Direito Romano.

¹ O *Digesto* (em latim : *Digesta*) ou *Pandectas* (*Pandectae*) é uma compilação em 50 livros de fragmentos de obras de juristas romanos encomendada pelo imperador Justiniano I. Promulgada em 16 de dezembro de 533 com a constituição imperial bilingue *Tanta* ou Δέδωκεν, entrou em vigor em 30 de dezembro do mesmo ano.

² A **Revolta de Nika** foi uma revolta sangrenta que eclodiu em Constantinopla, no Hipódromo, em 13 de janeiro de 532; ao som do grito de "Nikā, Nikā" (que em grego bizantino significa "Conquistem! Conquistem!"), com o qual o povo costumava incentivar seus campeões nas corridas de bigas, a multidão tentou derrubar o imperador Justiniano I. A rebelião, no entanto, foi brutalmente sufocada em 18 de janeiro.

³ As *Novellae constitutiones* são as constituições imperiais promulgadas pelo imperador bizantino Justiniano no período que vai de 535, ano seguinte à publicação do *Codex Iustinianus repetitae praelectionis*, até a morte do imperador em 565. O termo *Novellae* significa "novo" e enfatiza que estas são constituições novas em comparação com as contidas no *Codex*. Algumas estão em grego, outras em latim (Wikipédia).

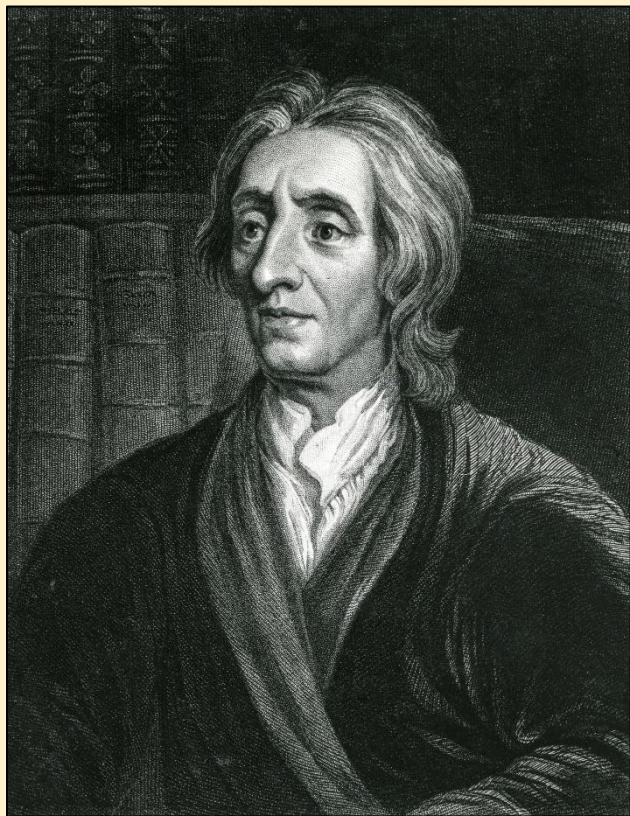
#####

SÍNTESE DO PENSAMENTO DE JOHN LOCKE

Luiz Ernani Caminha Giorgis (*)

“O homem vive livre e em paz no seu estado de natureza”.

Locke



EM 29 DE AGOSTO DE 1632, na localidade de Wrington, região de Somerset, Reino Unido, nascia o menino que se tornaria um dos filósofos ingleses mais importantes. Ele foi o fundador do Empirismo⁴.

Batizado com o nome de John Locke, seus pais eram puritanos. Não há notícias da mãe, mas seu pai serviu como clérigo⁵ e capitão da cavalaria nas forças parlamentares durante a Guerra Civil Inglesa. Começou sua vida intelectual com 15 anos, em 1647, quando ingressou na Westminster School.

O jovem John começou a vida como eclesiástico⁶ e estudou filosofia escolástica⁷ em Oxford, mas logo se decepcionou tanto com a vida eclesiástica como com a escolástica. Estudou também Medicina, Ciências Naturais e Filosofia.

No campo das Ciências, formou-se em Medicina, tendo exercido esta profissão liberal até 1667. Em 1666 tornou-se grande amigo de Lord Ashley⁸.

No ano seguinte foi contratado por Ashley para ser secretário e redigir documentos. Mas Ashley era oposi-

cionista ao Rei Carlos III no Parlamento. Locke também passou a sê-lo. Acusados de traição ao reino refugiaram-se nos Países Baixos a partir de 1683 como será visto a seguir.

Neste intervalo, de 1668 até 1670 residiu na França, onde compartilhou ideias com cartesianos (de Descartes) e gassendistas (de Gassendi)⁹.

Toda a vida de Locke, inspirada nas benemerências de Ashley, “resumiu-se na luta incessante pela liberdade civil, religiosa e política” (Barsa, 1977, vol. 8, p. 354).

⁴ Corrente filosófica surgida na Idade Moderna (1453-1789) a qual defende que a experiência sensorial é a principal fonte de conhecimento. Esta doutrina diz que todo conhecimento, com exceção do lógico e do matemático, deriva da experiência e que não existe verdade autônoma.

⁵ Clérigo, de clero, designa o conjunto de sacerdotes ou “ministros sagrados” responsáveis por um culto religioso.

⁶ Do latim vulgar “Ecclesiae”, aquilo que é relativo à Igreja, especialmente como instituição estabelecida.

⁷ Do latim “scholasticus”, método ocidental de pensamento crítico e de aprendizagem, com acentuada origem nas escolas monásticas cristãs medievais, que concilia (vam) a fé cristã com um sistema de pensamento racional baseado em São Tomás de Aquino e na Patrística (estudo dos trabalhos dos “pais da igreja”, os grandes pensadores da teologia cristã).

⁸ Trata-se de Anthony Ashley-Cooper, 7º Conde de Shaftesbury (1801 - 1885), político conservador britânico, filantropo e reformador social. Conhecido como “Conde dos Pobres”, fez campanha por melhorias nas condições de trabalho, leis para pessoas com distúrbios mentais, educação e limitação do trabalho infantil, entre outras propostas.

⁹ Gassendismo: corrente filosófica desenvolvida por Pierre Gassendi no século XVII, que teve grande influência no pensamento da época. Gassendi era um defensor do empirismo e do atomismo, buscando conciliar a filosofia da natureza com os avanços científicos de sua época.

De volta à Inglaterra, obteve licença de médico em 1674 e esteve outra vez a serviço do conde de Shaftesbury (Lorde Ashley), mas fugiu para a Holanda (1683), como já dito acima, para evitar possíveis represálias políticas em consequência das atividades do conde contra Jaime II.

Depois da revolução de 1688, quando Guilherme de Orange¹⁰ assumiu o poder, regressou à Inglaterra, ocupando vários cargos administrativos.

Locke tratou intensamente de problemas políticos, sociais, educativos, religiosos e econômicos. Sua obra filosófica principal, *An Essay Concerning Human Understanding* (Um ensaio sobre o entendimento humano), publicada sob forma definitiva em 1690, examina a natureza, o alcance e os limites do entendimento humano; critica o inatismo¹¹ e mostra o entendimento como tábula rasa ou “whitepaper” em que as experiências se imprimem.

As ideias, cuja única fonte seria a experiência (externa), classificam-se em simples (passivas apreensões), externas ou internas por via da experiência externa ou interna (p. ex. “branco”, “movimento”, “dor”) e complexas (formadas, a partir das simples, por atividade do espírito, p. ex. “substância”) (Delta Larousse).

A filosofia política de Locke, expressa sobretudo nos *Two Treatises on Government* (Dois tratados sobre o governo) (1690), influenciou profundamente a formação da ideologia liberal burguesa. Para ele, os homens, iguais e livres em seu estado de natureza, formam a sociedade através de um consentimento livre e com base em direitos naturais (como o de existência, ou subsistência, e o de propriedade).

Provém de Locke uma divisão do governo em três poderes: legislativo, executivo (incluindo o judiciário) e o federativo (poder de declarar guerra e estabelecer acordos de paz ou alianças com outras comunidades)¹².

Locke exerceu enorme influência, principalmente durante o séc. XVIII (como sobre os enciclopedistas franceses); precursor do empirismo inglês moderno (desenvolvido depois por Berkeley e Hume), influenciou o desenvolvimento das teorias associacionistas e sensualistas¹³ na Inglaterra, França e outros países.

Outras obras de Locke foram: *Epístola de Tolerância* (1689), *Some Thoughts Concerning Education* (Pensamentos sobre educação) (1693), *Reasonableness of Christianity* (Racionalidade do cristianismo, 1695).

Locke posicionou-se contrário às teorias de Thomas Hobbes, que defendia o despotismo. John Locke defendia o liberalismo moderado. Em relação a isso defendia a ideia de que o “estado de natureza” não é um “estado de guerra” como queria Hobbes (Barsa). Ainda neste contexto intelectual dizia Locke que “o homem tem direitos naturais anteriores à sociedade e que esta (a sociedade) tem de respeitar e proteger” (Idem). Estes direitos naturais eram, ou são: liberdade pessoal, propriedade e legítima defesa.

Em um período da humanidade caracterizado pelo absolutismo as ideias de Locke tiveram grandes repercussões. Até mesmo Jean Jacques Rousseau utilizou-se das teorias do filósofo inglês para a elaboração da sua teoria política – o Contrato Social e também sobre a educação (Ibidem). O romance educacional de Rousseau – *Emílio*, “segue as pegadas” do livro de Locke “*Some Thoughts Concerning Education*”, acima citado (Barsa).

O já citado trabalho sobre o “Conhecimento Humano”, composto de quatro livros, é a principal obra filosófica de John Locke. No primeiro, ele argumenta contra as ideias de Platão, Descartes e escolásticos.

¹⁰ Trata-se de Guilherme III e II (Haia, 1650 – Londres, 1702), que foi Príncipe de Orange e estatuder (stadthouder - gerente) da Holanda, Zelândia, Utrecht, Guéldria e Overissel da República dos Países Baixos como Guilherme III de 1672 até sua morte, e também Rei da Inglaterra e Irlanda como Guilherme III e Rei da Escócia como Guilherme II a partir de 1689. Ele herdou ao nascer o Principado de Orange de seu pai Guilherme II, que havia morrido duas semanas antes. Sua mãe Maria, Princesa Real, era a filha do rei Carlos I da Inglaterra. Guilherme se casou em 1677 com sua prima Maria, filha de Jaime, Duque de Iorque, e sobrinha do rei Carlos II.

¹¹ Inatismo: doutrina que afirma o caráter inato das ideias no homem, sustentando que independem daquilo que ele experimentou e percebeu após o seu nascimento.

¹² Locke antecedeu Montesquieu, deixando a este a teoria da separação dos poderes.

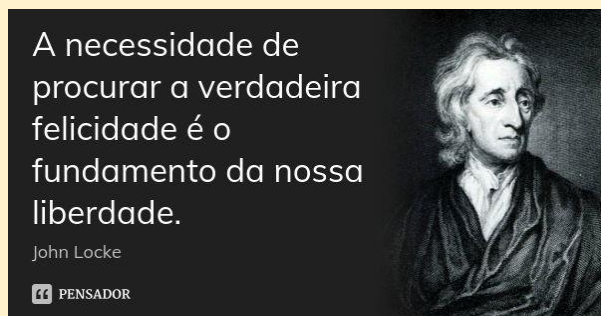
¹³ Sensualismo: corrente filosófica do século XVIII e que coloca a sensação como a fonte primária do conhecimento humano, enfatizando a importância dos sentidos na formação do conhecimento e defendendo que todas as nossas ideias e conceitos têm origem nas sensações que experimentamos através dos nossos sentidos.

Neste particular, procura ele provar que “não há ideias inatas” (No innate principles in the mind). Ou, “se existem verdades inatas ninguém percebe”. Ou seja, empregando sempre o Empirismo, as verdades inatas de Descartes são “inteiramente desconhecidas dos meninos, dos simples e dos selvagens” (Idem).

Nos três livros seguintes ele dispõe sobre a sua teoria “positiva”. Indaga ele: “De onde vem nossas ideias?”. Ele mesmo responde: “Da nossa experiência, que é dupla: a sensitiva e a reflexiva”. A mente é “uma folha de papel em branco – tábula rasa”¹⁴ (Ibidem).

Ou seja, pela sensação vamos conhecendo os objetos exteriores e formando as ideias sobre os mesmos. As coisas são conhecidas pela extensão, peso, cor, forma, etc., sendo que estas qualidades sensíveis são produtos dos sentidos.

Mas ele destaca algo importantíssimo: “não podemos ter confiança absoluta nos dados auferidos pelo nosso conhecimento sensível” (Barsa). Esta conclusão de Locke influenciou na adoção do ceticismo¹⁵ preconizado pelo escocês David Hume¹⁶.



Qual seria então a diferença entre Empirismo e Pragmatismo? As diversas fontes nos dizem que Empirismo e Pragmatismo são correntes filosóficas que valorizam a experiência, mas com focos diferentes.

Enquanto o Empirismo foca no conhecimento vindo dos sentidos e da experiência sensorial como base da verdade, o Pragmatismo foca na utilidade e nas consequências práticas de uma ideia ou crença para definir seu valor e significado.

Neste sentido, o pragmatismo seria um "empirismo aprimorado" para a ação, segundo o filósofo e psicólogo norte-americano William James (1842-1910).

Fica claro, entretanto, que a semelhança entre os dois conceitos é que ambos valorizam a experiência e a evidência.

Algumas frases de Locke que se tornaram famosas:

“Onde não há lei, não há liberdade”

“O homem nasce como se fosse uma folha em branco”



¹⁴ Salvo melhor juízo, a instrução militar (mas não somente ela) é baseada em Locke: só se aprende fazendo.

¹⁵ Corrente filosófica e atitude de questionamento que duvida da possibilidade de alcançar o conhecimento absoluto ou certezas definitivas, defendendo a suspensão do juízo (epoché) diante de crenças, fatos ou opiniões.

¹⁶ **David Hume** (Edimburgo, 1711 – Edimburgo, 1776) foi um filósofo, historiador e ensaísta britânico nascido na Escócia, que se tornou célebre pelo empirismo radical e ceticismo filosófico. Ao lado de John Locke e George Berkeley, David Hume compõe a famosa tríade do empirismo britânico, sendo considerado um dos mais importantes pensadores do chamado iluminismo escocês e da própria história da filosofia.

“O mais precioso de todos os bens é o poder sobre nós mesmos”.

IDEOLOGIA E DECADÊNCIA

(por Maynard Marques de Santa Rosa, em 22 Nov 2025)

Ideologia é o verdadeiro ópio da alma, porque tem apelo fascinante, mata o discernimento, ofusca o bom-senso e cega a consciência coletiva.

O bombardeio ideológico de uma sociedade imatura é devastador. Embora fadada à frustração graças à inércia da lei natural, ela reduz a terra arrasada os costumes tradicionais e os valores morais que garantem o equilíbrio social.

Pela teoria do inconsciente coletivo, do Dr. Jung, o instinto psicológico da origem divina do ser ocupa local de destaque na galeria dos arquétipos. Quando a consciência reprime a ideia de Deus, fascinada por sugestão cognitiva, o espaço numinoso da mente tende a ser ocupado por algum "ismo", como marxismo, capitalismo, "wokismo", etc., que passa a agir com a força de uma convicção religiosa.

É por isso que o militante imita o inquisidor implacável, que abomina o infiel e, se pudesse, o levaria ao martírio. Como não pode, passa a persegui-lo com a determinação de uma vingança pessoal, a "cancelá-lo" e difamá-lo na sociedade, rotulando-o de extremista, a fim de eliminá-lo do contexto coletivo.

A ideologia é a muleta dos partidos de esquerda. No Brasil, a frente esquerdista reúne contestadores da ordem política, econômica e social, que vão de socialistas, anarquistas e libertários de toda ordem a segmentos do lumpemproletariado. Data dos anos 1970, quando presos políticos, confinados com presos comuns, relegaram a cartilha marxista e ensinaram-lhes técnicas de organização e liderança que ensejaram a criação do Comando Vermelho, no Rio de Janeiro, abrindo o precedente para a proliferação do crime organizado.

A lentidão do progresso se deve, em grande parte, aos nossos próprios atavismos culturais. A eles vieram se somar as ideologias desagregadoras que, inculcadas em massa pela propaganda e por uma militância obstinada derruíram as elites nacionais, preparando o clima insalubre em que estamos mergulhados.

A ordem existente, instituída em 1988 sob motivação revanchista, não mais atende às necessidades nacionais. As instituições do Estado estão, literalmente, contaminadas, favorecendo a manipulação. Os indicadores da conjuntura demonstram o estado de incoerência: há um ex-presidente preso, sem prova consistente de que cometeu crime, e outro livre e no exercício do cargo, apesar de condenado por corrupção em três instâncias e com sentença transitada em julgado.

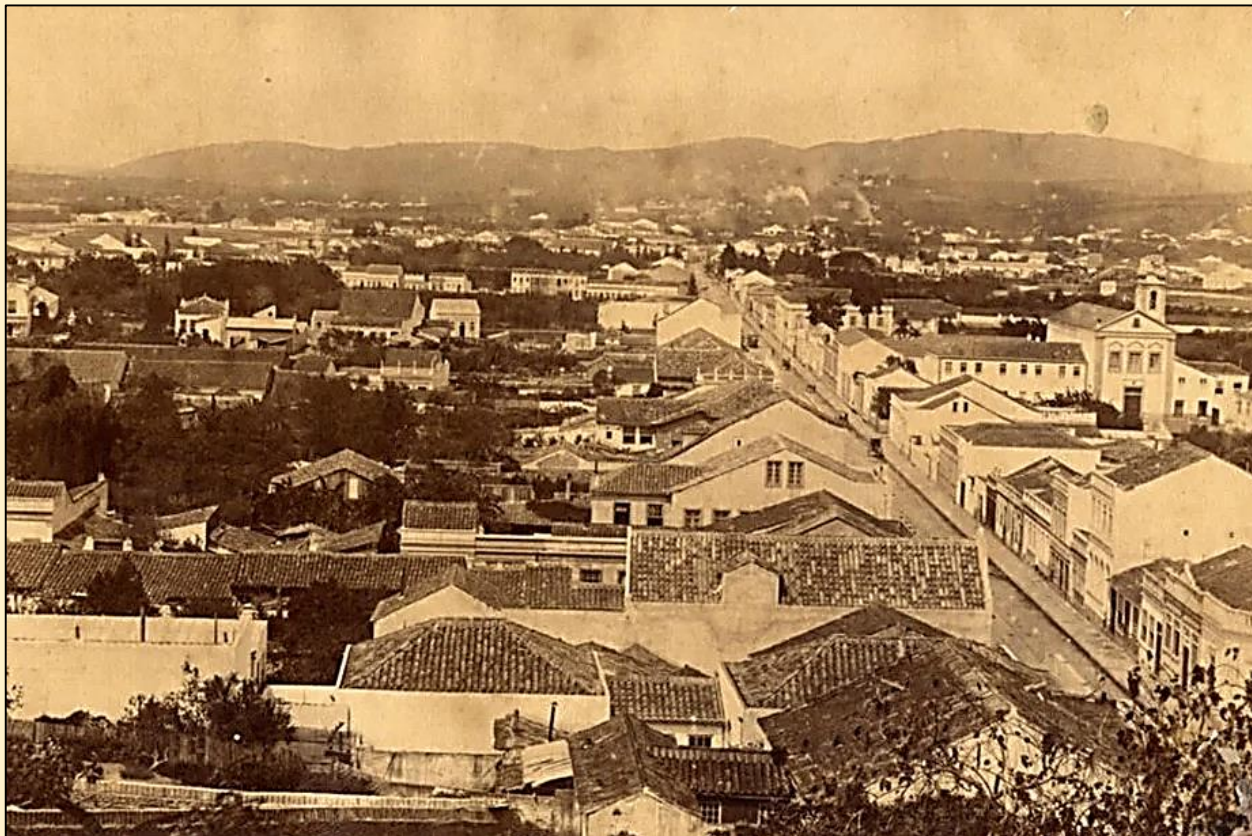
Enquanto a lei e a ordem são subvertidas pelas próprias instituições, as Forças Armadas permanecem no aguardo de uma grave perturbação da ordem.

O Brasil precisa despertar para a sua própria realidade.

LIMA E SILVA: QUEM FOI O HOMENAGEADO NA RUA DA CIDADE BAIXA

- Nome da Rua da Olaria foi trocado em 1870 -

Leandro Staudt, GZH (edição de 01 Set 2025)



Acima, Rua Lima e Silva na década de 1880. À direita, a capela de Nossa Senhora do Carmo.

Fonte: Irmãos Ferrari / Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo

A RUA GENERAL LIMA E SILVA é um tradicional ponto boêmio de Porto Alegre. Cortando o bairro Cidade Baixa, mescla moradia e comércio, agitada dia e noite. Ela está entre as ruas mais antigas da cidade. Em função de uma fábrica de tijolos, no passado, o nome era Rua da Olaria.

No livro *Porto Alegre: Guia Histórico*, Sérgio da Costa Franco revela que a "rua nova da Olaria" é mencionada em 1813 em uma medição judicial de terrenos. Ela estava nos fundos das chácaras que ficavam de frente para a Várzea (Avenida João Pessoa e Parque da Redenção).

A olaria pertencia a João José de Oliveira Guimarães. Em relação ao traçado atual, a rua era menor. Em 1835, o jornal *O Mensageiro* publicou anúncio da venda de escravos "em uma das casas pintadas de amarelo" na "Rua da Olaria".

O vereador Lopo Gonçalves apresentou, em 1845, requerimento à Câmara Municipal sobre as péssimas condições da via, que ficava intransitável nos dias de chuva.

Em março daquele ano, o jornal O Imparcial publicou anúncio da venda de parte da fábrica de tijolos. Informava que o proprietário, o popular Joãozinho da Olaria, já tinha morrido. O fim da Guerra dos Farrapos acelerou a ocupação da Cidade Baixa.



Acima, Lima e Silva, que morreu em Porto Alegre em 1878. Reprodução/Acervo Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre

Em 6 de junho de 1870, a Câmara Municipal trocou o nome do logradouro para homenagear Luiz Manoel de Lima e Silva, comandante superior da Guarda Nacional e membro da Câmara Municipal em Porto Alegre.

Morador da rua, ele também ocupava o cargo de provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.

Lima e Silva era tio do Duque de Caxias. O militar morreu em 23 de julho de 1878, em Porto Alegre, como marechal de campo reformado.

No obituário, o Jornal do Commercio lembrou que Lima e Silva serviu na província durante a Guerra dos Farrapos. O militar também participou da Guerra Cisplatina.

O povo demorou para adotar o novo nome da rua na Cidade Baixa. Nas primeiras décadas do século 20, os jornais ainda citavam o local como Rua da Olaria.

Nota do Editor com dados obtidos na Internet: Luiz Manuel de Lima e Silva (Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1806) foi um militar brasileiro filho do Marechal de Campo José Joaquim de Lima e Silva e de Joana Maria da Fonseca Costa. Era neto paterno do sargento-mor de infantaria João da Silva da Fonseca Lima e de Isabel Maria Josefa Brandão Ivo. Era irmão de José Joaquim de Lima e Silva (1788-1855), de João Manuel de Lima e Silva e de Francisco de Lima e Silva, pai do Duque de Caxias. Ainda solteiro, teve dois filhos de mãe desconhecida e, depois, com Júlia Francisca de Jesus teve mais quatro filhos. Participou da Guerra da Cisplatina, tomando parte da Batalha do Passo do Rosário. Foi autor do livro *Guerra com as Províncias Unidas do Rio da Prata* (BIBLIEx, 1956). Foi comandante da Guarda Nacional e provedor da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, quando residiu na rua da Olaria. Chegou até o posto de brigadeiro, foi agraciado comendador da Imperial Ordem de São Bento de Avis e da Imperial Ordem da Rosa.

Referências:

BARATA, Carlos Eduardo de Almeida (28 de abril de 1999). «Súmula genealógica II: os Lima e Silva». *Genealogia*, edição mensal. Minas: HC Gallery. Consultado em 28 de dezembro de 2009.

FREITAS, Sérgio de. «A nobreza brasileira de A a Z: (disponível em <http://www.no-baz.com.br>).

@@

O mito do Preste João: Sua influência na história e imaginação europeias

Por [Silvana](#), do Correio Brasiliense, em <https://share.google/LzPacJT1yW0OxT2ld>



O nome "Preste João" remete ao termo "Presbítero João" - Wikimedia Commons

A O LONGO DA HISTÓRIA, diversas lendas sobre terras misteriosas e governantes enigmáticos intrigaram exploradores, estudiosos e religiosos. Entre esses relatos, destaca-se a existência de um suposto reino cristão localizado em algum lugar do Oriente, governado por um soberano conhecido como Preste João.

Esse mito exerceu grande influência sobre a mentalidade europeia a partir da Idade Média e motivou várias expedições ao redor do mundo.

O nome "Preste João" remete ao termo "Presbítero João", traduzido do latim. A crença nesse país imaginoso começou a circular por volta do século XII, em um período marcado por movimentações religiosas e pequenas cruzadas.

A figura do líder cristão em terras distantes atraiu a atenção de reis, papas e aventureiros na busca por alianças e riquezas perdidas.

O surgimento do mito

O SURGIMENTO do mito do Preste João está intimamente ligado ao contexto medieval europeu, quando relatos de viajantes, comerciantes e monges frequentemente misturavam fatos e lendas.

À medida que as cruzadas avançavam, cresceu entre os cristãos a esperança de encontrar um poderoso aliado oriental contra os povos islâmicos.

Esses rumores se fortaleceram após a circulação de cartas atribuídas ao próprio Preste João, nas quais ele se apresentava como governante de um imenso reino repleto de riquezas e prodígios.



Terras do Preste João das Índias – Wikimedia Commons/Bibliothèque nationale de France

Onde ficava o lendário reino de Preste João?

UM DOS PRINCIPAIS enigmas em torno do Preste João continua sendo a localização de seu reino. Inicialmente, acreditava-se que esse país ficava na Ásia Central, talvez próximo à Índia. Com o passar dos séculos, e diante da expansão do conhecimento geográfico, relatos começaram a situar esse território na África, especialmente na região da Etiópia. Essa mudança de localização ocorreu porque a Etiópia era o único reino cristão independente conhecido naquela parte do mundo, o que fortalecia a conexão com o mito.

- **Ásia Central:** Primeiras menções apontavam para regiões entre a Pérsia e a Índia, misturando elementos da cultura local com as expectativas cristãs.
- **Etiópia:** Posteriormente, as descrições passaram a encaixar-se melhor com o reino etíope, devido à presença do cristianismo copta e do isolamento geográfico.

Por que o país de Preste João despertava tanto interesse?

OFASCÍNIO europeu pelo reino de Preste João não se restringia à curiosidade. Havia motivações práticas e religiosas envolvidas. Em meio a confrontos constantes com impérios muçulmanos, monarcas europeus vislumbravam na figura do Preste João a possibilidade de um aliado militar e espiritual.

Além disso, as descrições abundavam em tesouros, criaturas exóticas e tecnologia avançada, reforçando o desejo de exploração.

1. **Aliança estratégica:** Acreditava-se que unir forças com o Preste João facilitaria as batalhas contra adversários do cristianismo.
2. **Expansão comercial:** Narrativas sugeriam grandes riquezas, impulsionando comerciantes a buscar rotas alternativas para o Oriente.
3. **Aventura e fé:** A combinação de elementos fantásticos e religiosos alimentava expedicionários em busca do desconhecido.

Como o mito influenciou a história?

A PERSISTÊNCIA desse mito durante séculos teve consequências diretas nas decisões de reis e navegadores europeus. Expedições foram financiadas para encontrar o lendário país, entre elas as viagens portuguesas em direção à África, com especial interesse na Etiópia.

O desejo de localizar o reino de Preste João impulsionou ainda o contato com culturas distantes, ampliando o conhecimento geográfico e os intercâmbios culturais no final da Idade Média.

Apesar de nunca ter sido confirmada a existência do país comandado por Preste João, a figura desse rei e seu mítico domínio continuam presentes na literatura, em relatos históricos e no imaginário coletivo.

Hoje, o nome representa um dos episódios mais emblemáticos da fusão entre esperança religiosa, exploração territorial e produção de lendas que marcaram o mundo medieval.

Abaixo, imagens de Preste João.



A GLORIOSA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Manoel Soriano Neto, Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do EB

A MOBILIZAÇÃO DA FEB foi bastante dificultosa e coordenada pelo ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, que a descreveu em robusto livro.

Apenas uma das três Divisões de Infantaria previstas (um Corpo de Exército) foi organizada. Era a 1ª DIE: 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Antes de seu deslocamento, a tropa tornou-se motivo de sórdida campanha de chacotas. Maus brasileiros manifestaram ferino descontentamento com a convocação de reservistas, em especial de seus parentes. Alegavam que somente os da ativa deveriam ser convocados. Assinale-se que dos oficiais superiores e capitães, 98% eram da ativa do Exército; entre os oficiais subalternos a proporção diminuiu para 51%, porquanto a Força não dispunha da quantidade necessária de tenentes e aspirantes a oficial. Com deboche, germanófilos negacionistas, "quinta-colunas", diziam abertamente: "Imagine-se o nosso João sífilítico, opilado e desdentado, enfrentar o boche Fritz explodindo saúde pelas bochechas"... Ainda mais: "As tropas não embarcarão pois o seu comandante é "demo-rais"; "Zenóbio é da costa e a guerra é nas montanhas"; "Cordeiro não é animal de briga" e "Olímpio, que mora no Olimpo, quererá saber de guerra?". E que "era mais fácil uma cobra fumar do que a FEB embarcar". Porém, a Força Expedicionária embarcou para o Velho Mundo e o seu distintivo (símbolo), popular e nada heráldico, aplicado no braço esquerdo dos uniformes, era uma cobra verde fumando um cachimbo...

Havia quistos raciais nos estados do Sul, nas regiões de colonização alemã, simpáticos ao III Reich. Isto se tornou uma seríssima preocupação para o governo que acabara de se aliar aos EUA e Inglaterra.

O muito penoso recrutamento (da ordem de 180.000 brasileiros, aí incluídos capelães militares, enfermeiras, servidores do Banco do Brasil e correspondentes de guerra) foi realizado em todos os estados e não somente, como acertado de início, nas 1ª, 2ª e 4ª Regiões Militares (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, respectivamente), ou seja, no espaço do território brasileiro mais ecumênico. A concentração geral passou a ser no Distrito Federal e não em Resende, RJ.

Logo após a partida do 1º escalão (o "Destacamento FEB"), decidiu-se que as outras duas Divisões não mais seriam convocadas (para termos uma noção de grandeza, um Corpo de Exército a três Divisões corresponderia a mais de 70.000 homens; o efetivo total de nossas Forças Armadas era de 60.000 homens e se aquartelava principalmente no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul). A par disso, as Hipóteses de Guerra previstas visavam apenas a teatros de operação continentais.

Impende lembrar que adeptos do nazifascismo acusaram os EUA, falsa e malevolamente, da autoria dos torpedeamentos dos navios brasileiros entre 1942 e 1945. Entretanto, anos depois da guerra, a biblioteca de Stuttgart (Alemanha) realizou uma percuciente pesquisa a esse respeito. O seu relatório especificou a data-hora e localização em que cada navio foi posto a pique, além do nome do comandante do submersível lançador dos torpedos e outros registros.

O Brasil, por decreto-lei, de setembro de 1939, declarara a sua neutralidade. Todavia, o governo, embora de forma discreta, demonstrava predileção pelo Eixo (Roma-Berlim-Tóquio). Getúlio Vargas em um pronunciamento, no dia 11 de junho de 1940, a bordo do encouraçado Minas Gerais - navio capitânea da Esquadra -, não deixou dúvidas sobre isso. No mês seguinte, julho de 1940, realizou-se a 2ª Reunião de Havana com a presença dos ministros das Relações Exteriores dos países americanos. Ao seu final, ficou estabelecido: "Todo atentado, de parte de um Estado não americano, contra a integridade ou inviolabilidade do território, da soberania ou da

independência política de um Estado americano, deverá ser considerado como um ato de agressão contra todos os Estados do continente". Destarte, com o ataque japonês a Pearl Harbour, em 7 de dezembro de 1941 (tachado de "O Dia da Infâmia"), nosso país, em janeiro de 1942, em face do que foi avençado em Havana, rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo. A Alemanha, então, encetou uma campanha submarina contra navios mercantes nacionais, o que redundou, de nossa parte, na declaração do estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália (não contra o Japão), em 22 de agosto de 1942. Outrossim, em represália, incorporamos à nossa frota mercante, mais de vinte navios dos inimigos, atracados em nossos portos. Estávamos em guerra...

Desafortunadamente, era notória a fragilidade das Forças Armadas brasileiras que se encontravam despreparadas para participar de uma guerra de proporções globais (tal situação, é de bom augúrio lembrar, acontecera há muitos anos, quando do início da Guerra do Paraguai...).

A esse propósito, atentemos para as sábias considerações do general Octavio Costa, em seu magnífico livro, todo ele rica e fartamente ilustrado, "Trinta Anos Depois da Volta": - Citação: "Éramos uma nação sem motivação psicológica consistente e duradoura, sem confiança em si mesma, enganada pelo ópio do ufanismo ilusório ou deprimida pelo desalento subserviente e imobilista. No país dos basbaques, onde tudo vinha de fora e de fora tudo se copiava, ainda não tinha ido mais fundo na sensibilidade nacional, o safanão da Semana de Arte Moderna, de 1922, na rotina de nossa macaqueação cultural. Eram tempos de cantar tango e bolero, de encenar "Paradas da Raça" e de fazer anauê. Tudo nos vinha de fora: o trem, o automóvel, o navio, e o trator. Produto nacional, de escassa manufatura feita aqui, era sinônimo de falta de qualidade. Não tínhamos refinaria, nem siderurgia nem grandes hidrelétricas. O Brasil continuava sendo o eterno país do futuro. Éramos uma nação extremamente pacifista, cujo Exército havia disparado seu último tiro, em 1870, nos campos do Paraguai. Desde o início da década de 1920, aqui estava uma operosa Missão Militar Francesa, que montara no Exército, o admirável sistema de ensino militar que responde pelo excelente nível cultural de nossos oficiais.

Esse era o Brasil de antes da guerra, contemplativo e pobre, pessimista e preguiçoso, inquieto e contraditório, marcado de preconceitos e complexos, às vezes visionário, quase sempre Jeca Tatu".

#####

“Apesar de (ser) um soldado por profissão, nunca senti qualquer tipo de gosto para a guerra, e eu nunca a defendi, exceto como meio de paz..”

– General Ulysses Simpson Grant –

(Comandante das forças do Norte na Guerra de Secessão dos EUA – 1860–65)

#####

**EDITOR: LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, CORONEL DE INFANTARIA E ESTADO-MAIOR
VETERANO, PRESIDENTE DA**

AHIMTB/RS (LECAMINHA@GMAIL.COM);

SITES: WWW.AHIMTB.ORG.BR E WWW.ACADHISTORIA.COM.BR; SITE DO NEE/CMS:

WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR;

BLOG DA DELEGACIA DA FAHIMTB/RS EM RECIFE, PE - DELEGACIA HERÓIS DE

GUARARAPES: HTTP://HISTORIAPATRIOTA.BLOGSPOT.COM